

A CIRCULAÇÃO DA PROBLEMATICA DE AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES ANGOLANOS NA SOCIEDADE EM MEDIATIZAÇÃO.

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla¹

Doutorando em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale dos Sinos

A problematização da circulação nas relações interagentes entre adolescentes angolanos na faixa etária dos 14 aos 16 anos e, destas zonas de contato, gerando possibilidade de comportamentos antissociais (agressividade) é o objeto da presente comunicação. O nosso campo de observação parte das imagens e vídeos postos em circulação quer pelas instituições canônicas (TV pública, sites de distribuição de serviços de Internet e de telefonia móvel) quer não canônica (atores sociais). Para tanto, contexto da sociedade de consumo, esta abordagem elege como objetivo observar a dinâmica dos fluxos circulatórios, dos conteúdos midiáticos, interações e práticas sociais em Angola. Sabemos que na sociedade em vias de mediatização, as práticas, as relações sociais e a comunicação mediadas pelos dispositivos midiáticos (Ferreira, 2007) podem demarcar um território de conflitos e de afetações em quase todos os campos sociais. Deste modo as relações virtuais e a Internet talvez potencializem, possam dar novas configurações e sentidos à vida dos sujeitos inscritos neste espaço. Nossa hipótese propõe que as práticas sociais e os processos interacionais, intensificados e atravessados por circuitos, contextos sócio históricos e culturais em mutações constantes, podem contribuir para outras configurações subjetivas e identitárias que acabam por estabelecer modos de ser e de existir no mundo (Gomes, 2016) em mediatização. Estas configurações por sua vez, estabelecem novas lógicas e contratos entre os sujeitos enquanto circuitos geradores de potencialidades (Fausto Neto, 2010), suscitando plataformas interacionais imprevistas. E, estas por sua vez quando articuladas, talvez ofereçam possibilidades que aportem em comportamentos e atitudes estranhos dos sujeitos, inscrito em uma gramática sociabilidade violenta e fragmentada.

Palavras-chave: Agressividade. Adolescentes. Sociedade angolana em mediatização. Circulação e práticas sociais.

THE CIRCULATION OF THE PROBLEM OF AGGRESSIVENESS IN ANGOLAN ADOLESCENTS IN SOCIETY IN MEDIATIZATION.

The problem of circulation in the interactions between Angolan adolescents between the ages of 14 and 16 years and, from these zones of contact, generating the possibility of antisocial behavior (aggressiveness) is the object of this communication. Our field of observation is part of the images and videos put into circulation either by canonical institutions (public TV, Internet service and mobile phone distribution sites) or non-canonical (social actors). To this end, in the context of consumer society, this approach aims to observe the dynamics of circulatory flows, media contents, interactions and social practices in Angola. We know that in a society in the process of mediatization, practices, social relations and communication mediated by media devices (Ferreira, 2007) can demarcate a territory of conflicts and affectations in almost all social fields. In this way virtual relations and the Internet may potentiate, can give new configurations and meanings to the life of the subjects enrolled in this space. Our hypothesis proposes that social practices and interactional processes, intensified and crossed by circuits, socio-

¹ É natural de Benguela, Angola, nascido aos 25/12/73, ordenado sacerdote aos 6/08/2000. Possui graduação em Filosofia (1995), em Teologia (SMBPB 1999) e bacharelato em Comunicação Social – RTV (FATEA, 2009). Pós-graduação em Psicopedagogia e Psicomotricidade (UNISAL 2009), Mestre em Ciências de Educação (UNISUL 2012) Especialização em Psicanálise (IEB, 2014), doutorando em Psicologia (UCES – Buenos Aires - desde 2012) e atualmente é doutorando em Ciência da Comunicação UNISINOS).

historical and cultural contexts in constant mutations, can contribute to other subjective configurations and identities that end up establishing ways of being and existing in the world (Gomes, 2016) in mediatization. These configurations, in turn, establish new logics and contracts between the subjects as potential-generating circuits (Fausto Neto, 2010), provoking unforeseen interaction platforms. And, in turn, when articulated, they may offer possibilities that contribute in the behaviors and strange attitudes of the subjects, inscribed in a violent and fragmented sociability grammar.

Keywords: Aggressiveness. Adolescents. Angolan society in mediatization. Circulation and social practices.

1º. Introdução: a problemática da circulação da agressividade: A presente abordagem se configura como tentativa de problematização da circulação da agressividade e da violência entre os adolescentes angolanos na faixa etária dos 14 aos 16 anos que consomem produtos midiáticos através dos Dispositivos Midiáticos. Buscamos, fundamentalmente, estudar o fenômeno de violência midiática e os sentidos atribuídos pelos adolescentes à violência em circulação nas mídias, especialmente nos vídeos que circulam na Internet na plataforma Youtube. Entendemos aqui o conceito de mídias não apenas como aparatos tecnológicos, mas sim como dispositivos sócio técnico semióticos e simbólicos, baseados cada vez mais no conjunto de técnicas (Ferreira, 2007; Miége, 2009; Fausto Neto, 2008) que ganham sentido a partir dos usos e apropriações das práticas sociais, no quadro de um segmento social de maior crescimento e dinamismo em Angola desde o início da construção da democracia nos primeiros anos da década de 1990 (Lopes (2004, p. 2).

Com o objetivo de contextualizar o tema, seria impossível esta abordagem sem levar em conta o lugar tanto de fala quanto do objeto de estudo. E então cabe a título introdutório, dizer que a problemática em questão, localiza-se na República de Angola no Continente Africano. Um País composto por 18 Províncias, 164 Municípios e 578 Comunas, que exige no mínimo uma leitura retrospectiva sócio histórico, político e cultural, herdeira de uma cultura atravessado por duas guerras que duraram aproximadamente 4 décadas (1961 -1975 contra os portugueses e 1976 – 2002, guerra civil). No seu relatório sobre a “Construção da Paz e sociedade civil em Angola: um papel para a comunidade internacional”, Howen (2001, p. 30) afirma que com o fim da guerra, Angola ressurgiu como “uma sociedade civil mais confiante e organizada” que “aparece quando se passa do tema dos bens materiais ao dos bens culturais e quando o problema da cultura e da personalidade se torna mais importante, mais central do que o problema econômico” (Touraine, 1970, p. 35) e para o caso de Angola quando o problema da guerra cede lugar ao desenvolvimento cultural sócio técnico, industrial e econômico e instaura uma nova era.

Como dissemos acima, o campo de observação é composto pelos vídeos postados na rede em canais do Youtube quer por instituições canônicas quer por atores sociais que circulam. Num formato publicitário estas peças podem ser estruturadas em três blocos que, na interface, permitem inferir e perceber a presença de três esferas na sociedade angolana: a esfera da sociedade de consumo, de produção e de anomia. Pretendemos, portanto, não estabelecer uma discussão dos problemas sócio antropológicos da representação da agressividade e sim, fazer inferências por meio de um processo tentativo de observação, percepção, recepção e reconhecimento, a partir dos indícios ofertados num longo e complexo percurso que vai dos signos da esfera cultural pós-conflito armado angolano, passando pela cultura dos meios até à cultura da midiatização. Trata-se, a nosso ver, de enfrentar um tecido melindroso que implica lançar mão ao que Braga (2011) ousou chamar de processo de “idas e vindas”, para obter pistas emergentes que permitam fazer inferências que apontem para circulação da agressividade na ambiência da midiatização.

Para a operacionalização da problemática em estudo, elegemos alguns vídeos que circulam na rede (youtube) e que os adolescentes têm acesso através dos dispositivos midiáticos. E para tanto, muitas questões poderiam ser levantadas tais como: como as instituições midiáticas utilizam os meios na operacionalização dos signos: consumo, produção e anomia? Ou seja, como os meios midiáticos usam, praticam e tentam se apropriar dos signos de consumo, de integração através da produção e das representações da anomia em seus discursos? Esta pergunta, pelo que parece sugere que se concorde com Fausto Neto (2008) quanto ao empoderamento das lógicas e gramáticas sócio técnicas discursivas dos meios, também ao descrever a problemática da agressividade entre os adolescentes angolanos. Dito de outra forma, a pesquisa se inscreve numa pretensão de inteirar-se a cerca do que os adolescentes fazem circular através da mídia não na esfera privada e sim, naquela pública enquanto compartilhado em rede. Uma outra pergunta que a pesquisa pode responder é por exemplo: como os adolescentes angolanos usam os signos de integração de consumo, produção e anomia em suas práticas e páginas nas redes sociais? Como os adolescentes utilizam as suas próprias imagens? Serão eles instigados por um mero desejo de mostrar e exhibir o que fazem nas suas esferas privadas em seus Dispositivos Midiáticos (computadores, tabletes, notebooks, celulares...)? Será uma forma de autoafirmação e busca de reconhecimento através da cultura da participação (Shirky, 2011)? Será para demonstrar que estão no processo de integração na cultura das novas tecnologias de informação? O fato de os adolescentes se preocuparem com o filmam os atos violentos no shopping e os fazem circular em

suas redes sociais, ao em vez de evita-los terá como operador lógico e articulado pela internalização da guerra civil em Angola (funções e atividades psíquicas) por meio da mediação semiótica, na perspectiva Vygotsky (2001) e Pierce (1978; 1991)? As partir destas perguntas surge um outro questionamento: Quais relações entre os usos dos signos pelos meios institucionalizados e os usos que os adolescentes fazem dos signos midiáticos de consumo, produção e anomia? Se na ambiência da circulação midiática a representação dos objetos tem sempre uma relação objetiva de combinação e de jogos (Baudrillard, 2008) que lugares psíquicos os adolescentes ocupam (objetos, agentes atores, ajudantes, etc.) enquanto sujeitos consumidores dos produtos midiáticos violentos?

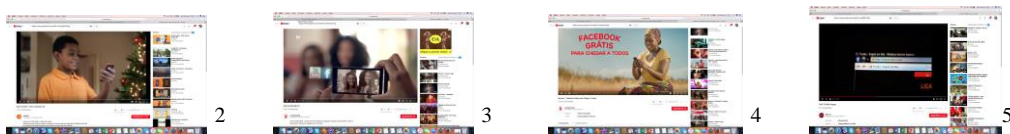
Estas interrogações parecem inserirem a pesquisa no campo da sociedade em midiaticização na medida em que se debruçam sobre as lógicas e gramáticas dos usos e apropriações dos meios e estabelecem interações os sujeitos na produção e consumo dos bens simbólicos e ideológicos, parafraseando Nestor Canclini (2001). E como estas lógicas não são traduzíveis, deduzimos que se esteja a estudar algo que pertence à um ambiente que se constitui na interface entre lógicas dos meios institucionalizados e lógicas que são usadas individualmente ainda que sejam pós-industriais como o canal no youtube.

A partir das perguntas aqui formuladas a investigação remete-nos a uma discussão do ambiente que se constitui na interface entre os meios e os circuitos na interação social, no sentido mais amplo que, conforme as escolhas dos observáveis (imagens e vídeos) e dos objetivos do observador permite a constituição da sociedade em midiaticização. Neste sentido, dependendo dos seus contextos sócio históricos e culturais, as imagens e os vídeos que os indivíduos fazem circular em suas paginas na Internet podem configurar-se como estratégias de produção, de reprodução e representação social através das zonas de contatos interacionais com 3 esferas: Consumo, produção e anomia. Na interface, estas zonas de contato (Fausto Neto, 2010) entre as três esferas ofertam aos sujeitos em contato possibilidades, comportamentos cujas desdobramentos e consequências são imprevisíveis. Para tanto, no contexto da sociedade angolana, proeminentemente marcada pelo consumo dos conteúdos midiáticos, graças à sua inscrição na lista das sociedades em midiaticização, elege-se como objetivo observar a dinâmica dos fluxos circulatórios, dos conteúdos midiáticos, interações e práticas sociais. Na sociedade em midiaticização, as práticas, as relações sociais e a comunicação mediadas pelos dispositivos midiáticos (Ferreira, 2007) podem demarcar territórios híbridos de conflitos, de estranhamentos, de afetações e de trocas de papeis em quase todos os campos sociais.

Propomos a hipótese de que as práticas sociais e os processos interacionais, intensificados e atravessados por circuitos, contextos sócio históricos e culturais em mutações constantes, podem contribuir para outras configurações subjetivas e identitárias que acabam por estabelecer novos modos de ser e de existir no mundo (Gomes, 2016) em midiaticização. Estas configurações por sua vez, estabelecem novas lógicas e contratos entre os sujeitos enquanto circuitos geradores de potencialidades (Fausto Neto, 2010), suscitando plataformas interacionais imprevistas. E, estas por sua vez quando articuladas, talvez ofereçam possibilidades que aportem em comportamentos e atitudes estranhos dos sujeitos, inscrito em uma gramática sociabilidade violenta e fragmentada.

Portanto, julgamos fundamental o estudo da percepção dos adolescentes sobre as faces da violência simbólica exercida pelos meios midiáticos, no sentido de Bourdieu (1997). Relendo este autor podemos chegar a conclusão de que as percepções das relações virtuais potencializam o entendimento que oferta aos sujeitos novas configurações, novos campos de valores, culturas, identidades, novos conceitos de cidadania e de pertencimento quer na esfera pública quer naquela privada. Ademais o ser humano percebe e recebe, “o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento” (Braga, 2012).

2º. Sociedade de Consumo: A ideia de uma sociedade de consumo em configuração dos indícios ofertados pelas quatro peças publicitárias feitas pelas instituições midiáticas canônicas, prestadoras e distribuidoras de serviços de telefonia móvel (Movitel, Unitel) e de Internet Banda Larga (Facebook, Youtuber) através da TVCABO.



A partir destes indícios é possível inferir que: As quatro peças publicitárias foram produzidas e postas em circulação na rede por instituições canônicas. Configuram-se como um convite ao comércio e à integração dos angolanos (adolescentes) na sociedade de consumo dos produtos da indústria tecnológica da informação (Telefonia, Televisão e Internet) através da compra de dispositivos sócio técnicos, simbólicos e semióticos); A compra destes dispositivos estabelece

² <https://www.youtube.com/watch?v=qY3nzn1Trg>

³ <https://www.youtube.com/watch?v=2LKg50wVEug>

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=GdvmircIV2Q>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=npPBfIKYX4E>

uma interface e interação com os pais, os esposos, os amigos e as novidades no mercado das novas tecnologias da informação e novas ferramentas de interação em rede; Os usos dos dispositivos midiáticos são signos do cantar e dançar de alegria, do comer e beber na celebração da festa do Natal em família e com os amigos; As novas ferramentas e tecnologias da informação com as suas lógicas e gramáticas sócio discursivas criam zonas de interpenetração e de contato que, na interação, proporciona aos indivíduos novas ambiências e novos modos de percepção, recepção e o consumo dos conteúdos que circulam nas redes.

Objetivamos aqui estabelecer uma discussão epistemológica sobre os circuitos e fluxos da produção e dos produtos quer nacionais e internacionais que circulam nas redes, impulsionados pelo mercado da “indústria cultural”. Expressão criada pelos críticos da Escola de Frankfurt Adorno e Horkheimer (1987, p. 287), definida como “a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores”. Procurando detalhar o processo de controle exercido pela mídia sobre a população, ele afirma que:

O processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas, às quais ela se dirige, as massas não são então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; um acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto (1987, p. 288).

Todavia, a aderência a este mercado de consumidores, a sociedade angolana e sobretudo pelo acesso aos bens e serviços disponibilizados pelas instituições midiáticas (TVACABO e Internet Banda Larga), a instalação do sistema multipartidarismo, da liberdade de imprensa e de associação em 1991, o País enfrenta uma zona de tensão e de travessia entre a sociedade civil e a sociedade de consumo do mercado digital.

Porém, falar sobre a sociedade de consumo, no contexto de Angola não teria como não reportar a pesquisa à obra “A Sociedade de Consumo” de Baudrillard (2008). Pois, apesar da sua visão pessimista e moralizantes a respeito do tema, ele faz uma análise detalhada das características importantes sobre a sociedade contemporânea com reflexos pautáveis e concretos em Angola. Na esteira de Baudrillard autores diversos tais como Bauman (2008), Featherstone (1995) e Lipovetsky (1989) são do parecer de que com o desenvolvimento da tecnologia da informação e a expansão global das políticas do mercado capitalista a sociedade pós-moderna se converteu em sociedade de consumo. Nela, o indivíduo é visto como consumidor, em consequência da automatização do sistema de produção. De acordo com eles, atualmente, nossa

sociedade cria novos espaços para os consumidores, tornando o exercício do consumo algo padronizado que molda as relações dos indivíduos. Embora concordemos com Jean Baudrillard ao afirmar que os aspectos subjetivos e objetivos do consumo estejam presente no dia-a-dia, no contexto angolano acredita-se que investigar as características da sociedade contemporânea, contudo, não parece ser uma tarefa simples. Visto que os diversos teóricos que pesquisam o consumo têm focos, públicos, situações e lugares bem distintos.

Dai que as novas ambiências, levando-se as condições sócio históricos culturais de casa sujeito, talvez ajudem a moldar os novos modos de ser (Gomes, 2016). Estes novos modos de ser na produção e comunicação em rede pode possibilitar entre os produtores e consumidores, emissores e receptores instauração da cultura da participação na produção dos conteúdos em circulação, por meio das novas tecnologias da informação (TIC's). E para a integração nesta cultura nas sociedades angolana tem surgidos centros de treinamentos para as novas tecnologias o que vem transformando paulatinamente o País numa sociedade de produção.

3º. Sociedade de Produção. Partiremos, ao tentar tecer algumas considerações sobre a sociedade de produção em Angola, do pressuposto de que a configuração desta não existiria sem o processo de adestramento tecnológico que, integre os sujeitos no mercado de trabalho e ou de produção. E então, empresas e instituições ligadas aos ramos das tecnologias de informação e comunicação, aproveitando-se do mercado comercial aberto em Angola com o fim da guerra, tem investido em projetos e criado centros de formação de treinamentos e de alfabetização em Tecnologias da Informação de Comunicação (TIC's), visando a promoção de políticas comerciais de consumo e de contratação de mão de obra em seus empreendimentos.

E para tal vídeos e institucionais publicitários locais são produzidos e postos em circulação nas instituições canônicas e não canônicas (Rádios, TV e Internet) em Angola. À título de exemplo apresentamos aqui dois vídeos dois quais se ocupa este tópico.



6



7



8

Atendo-nos ao conteúdos destes vídeos podemos inferir que talvez os centros de treinamentos se constituam num campo de instalação de empresas comerciais dos dispositivos

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=00Gt6ABfJoI>

⁷ https://www.youtube.com/watch?v=nUe8_33XfvA

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=aPvn-bDebjs>

sócio técnicos, sociosemióticos e sócios simbólicos e do consumo dos produtos das novas tecnologias de informação na sociedade angolana; Que o fim do conflito armado civil, os centros de treinamentos se configurem como as instituições responsáveis pelo processo de integração na Sociedade tanto de Consumo quanto de produção dos conteúdos que circulam nas redes; Os centros de treinamentos tecnológicos se estabeleçam como zonas de socialização da sociedade angolana com a sociedade ou a cultura dos meios; Elas se insurgiam como que pontífices entre a sociedade dos meios e a sociedade angolana em vias de midiática. Ademais, tanto nos discursos dos formadores quando dos alunos (adolescentes) é comum o reconhecimento da nova ambiência midiática na sociedade angolana fruto das lógicas e dos atravessamentos híbridos entre a cultura dos meios e os processos da midiática, vai como que criando novos seres (atores sociais) nesta ambiência.

O termo atores sociais aparece nas formulações teóricas de Touraine (1994), na época foi utilizado para se referir aos sujeitos da ação social, especialmente aos movimentos sociais da contemporaneidade, com suas apelações aos sujeitos pessoais e reivindicações de direitos culturais, que pressupõem “a vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator” (1994, p. 220). Que produz rupturas e gera crise de vínculos sociais. Assim, frente à esta crise dos vínculos sociais gerada pela modernidade, o desempenho do indivíduos ganha uma função interacional indispensável entre os diferentes campos e práticas sociais.

Pretendemos, no contexto de angolano, uma sociedade em vias de midiática, como em outros países, enfatizar a heterogeneidade dos atores sociais, diferentes entre si, em seus diferentes pertencimentos sociais, de classe, gênero, etnia, gerações, mas também na multifacetada e incoerência interna de cada grupo e de cada indivíduo. Assim, os adolescentes angolanos, enquanto atores sociais graças aos processos midiáticos, pretende-se vê-los como sujeitos de ação social, seja compartilhando coletivamente as significações comuns, seja possuindo individualmente desejos, sonhos e esperanças; que se envolvem continuamente em processos de autoconstrução e de apropriação, possuindo margem de autonomia diante das forças e condicionantes sociais (Edwards, 1997). E para tanto, os seus comportamentos talvez não sejam percebidos e recepcionados como automáticos e impensados e sim como interpretados e construídos na intercambialidade processual e de interação social. Daí se presume a necessidade de que qualquer análise comportamental que possa fazer, tal como por exemplo a circulação da agressividade em adolescentes angolanos, leve em consideração a reflexividade dos atores em suas produções e atividades da vida cotidiana, com ênfase em suas ações e experiências e nos

processos pelos quais interpretam constantemente a realidade social e fabricam o mundo a fim de poderem viver nele (Coulon, 1995). Trata-se aqui, daquela ambiência em que as relações vão além daquelas tradicionais entre produtor e receptor. As relações entre eles são postas no fluxo adiante” (Braga, 2012) sob diversas formas e de uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processos agonísticos. Para este autor, isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção e percepção dos fenômenos anteriores.

Portanto, das observações feitas nestas peças, pode inferir-se que Angola pós-guerra civil (1961 – 1975 e 1976 - 2002) ante a abertura as novas tecnologias da informação que possibilita os fluxos circulatórios de imagens e vídeos na rede através dos atores sociais, a sociedade angolana, se encontra atravessada pelas lógicas e gramáticas sócio discursivas dos meios de comunicação. E para tal, precisa passar pelos ritos de iniciação ou de alfabetização digital, para os usos e apropriações não só das lógicas e gramáticas dos processos midiáticos, mas também dos aparatos sócio técnicos, sociossimbólicos e sociomióticos (Ferreira, 2007; Miége, 2009; Fausto Neto, 2008). Daqui a importância da implementação dos centros de treinamento das TICs para as crianças, adolescentes, jovens e da sociedade em geral. Porém, paralelo a estes centros de formação profissional ressurgem um público que está fora da escola (Ferreira, 2017- aulas expositivas), passando a formar como que uma espécie de divisão de dois públicos: o dos integrados e os não integrados.

4ª. Esfera da Anomia: Sociedade sem regras: Retomando a visão de Ferreira (2017, aulas expositivas), estes dois públicos criados pela esfera da produção tanto entre instituições canônicas quanto não, ao gerar os dois públicos diferentes de excluídos e incluídos na sociedade a integração de consumo subdividem a sociedade em dois mundos desiguais segundo Marx (1975^a, p.16). Pois para ele “a igual participação no fundo social de consumo, deveria permitir que a divisão equitativa de todos os benefícios da produção. Todavia, na sociedade de consumo e produção acontece algo incoerente, uma vez que uns obtêm de fato mais que outros, uns são mais ricos que outros etc. Ainda segundo Marx, para evitar todos esses inconvenientes, o direito não teria que ser igual, mas desigual”. Como campo de observação a pesquisa apresenta três vídeos que podem servir de indícios que num processo complexo que possibilita inferir que as desigualdades sociais no consumo provocadas pela sociedade de produção talvez gerem conflitos ou simplesmente a desordem social (anomia).



9



10



11

No contexto angolano, os vídeos ao fazer circular e exibir os dispositivos sócio técnico, sócio simbólicos, sócio semióticos bélicos (armas de fogo) e de interação social (computadores, motos, artigos diversos) tornam claro que a sociedade angolana enfrenta zonas de contato e de interpenetração (Fausto Neto, 2010) entre Angola em guerra e Angola pós-guerra (1961-1975 e 1976 – 2002).

Assim, podemos dizer que o período pós-guerra faz emergir na sociedade angolana as três esferas de integração: esfera de consumo dos produtos da indústria cultural das tecnologias da informação digital global, da produção e de anomia; Os três vídeos, dentre os quais dois foram postas em circulação na rede pela Televisão Pública de Angola (Instituição Canônica) e um por um ator social anônimo (Instituição não Canônica), revelam uma sociedade angolana anímica, sem regras; Os adolescentes se mostram que estão familiarizados com os dispositivos bélicos, mantém o controlo e domínio total das vítimas e da situação; Os adolescentes em pancadarias na praça de alimentação, num Centro de Comercial em Talatona em Luanda são signos de uma sociedade sem ordem, em anomia total; O vídeo foi gravado por um dispositivo sócio técnico, sócio semiótico e simbólico (celular) e posto em circulação na rede por ator social, que acaba por configurar uma sociedade inserida na esfera de produção; O Estado parece reconhecer através da mídia canônica o caos entre adolescentes e jovens; E a polícia civil tenta reagir através de operações de busca e apreensão objetivando a processo de reintegração destes adolescentes ou para restabelecer a ordem social.

Assim, os adolescentes em contexto de violência seria signo de uma representação social da anomia. Emilie Durkheim no livro “ O suicídio” (1897), estabelece uma discussão sobre a anomia = falta de regras; autonomia = auto-regras; heteronomia = regras impostas, externas. Para o autor a anomia surgiu processo tentativo na explicação das formas injustas na divisão do trabalho e que teve como consequências patológicas.

No contexto angolano, os adolescentes envolvidos em cenas de violência no Shopping, seriam signos de exclusão da esfera social de consumo e de produção, já que, seus comportamentos manifestam uma solidariedade que se pode reduzir em mecânica e orgânica.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=tmDZAT5bBEc>.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=AU2udMMWAD8>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=-JIhz05319I>

Sendo que a mecânica consistiria na desintegração de vínculos sociais, tribais, da comunidade, dos grupos e classes. Ao passo que a orgânica ha desordem, ou seja, nada está em ordem, nada se colocou em ordem forte e suficiente para recoercionar a sociedade. Sob esta angulação, pensar no objeto desta pesquisa, ou melhor, sobre a circulação da problemática da agressividade em adolescentes no contexto angolano, visa-se como objetivo, estudar as representações das inter-relações sociais dos indivíduos e destes com os dispositivos sócio técnicos, simbólicos e semióticos e dos resultados destas. Pelo que parece, isso exige debruçar-se sobre uma complexa tríade conceitual: Consumo, Produção e anomia.

Esta última levaria a pensar dedutiva e durklianamente, na leitura de uma camada populacional da sociedade em crise de identidade, de uma solidariedade orgânica e simultaneamente mecânica. De uma camada em desintegração da comunidade e de uma outra orgânica (Vídeo 6 e 7) que intenta estabelecer a integração dos sujeitos em desordem.

Em primeiro bojo isto implica fazer inferências, a partir dos observáveis e entabular em primeiro lugar uma discussão sobre a cultura dos meios do que propriamente a problematização da circulação midiática ou simplesmente da mediatização. Este lugar de fala, permite que se levantem questões como por exemplo quais são as representações midiáticas sobre as relações dos indivíduos (adolescentes) com os meios digitais (esfera da produção) e ou, com a sociedade de consumo? Todavia, o consumo em si talvez não levasse a uma sociedade solidária, a anomia. Até porque na visão de Durklyn, a anomia ocorre na esfera da produção de vínculos.

Portanto, numa angulação indutiva, por hora o foco discursivo recai sobre as representações sociais através dos signos sobre as relações dos indivíduos com os meios na sociedade do consumo. Para num segundo passo fazer desdobramento que atravesse as zonas limítrofes da esfera cultural dos meios nesta sociedade onde se pode observar e explicar a anomia, que talvez resulte de uma tensão entre a integração de produção e do consumo para o território da mediatização. Todavia, a operacionalização desta passagem é ditada por um protocolo que está atravessado por três lógicas simbólicas inferidas dos observáveis (peças publicitárias = imagens e vídeos).

5ª. A circulação da violência/agressividade na sociedade em mediatização: falar da violência e da agressividade sob a perspectiva da circulação midiática parece ater-se a um fenômeno que perpassa os tecidos sociais da humanidade e das sociedades humanas.

Na atualidade e sobretudo na visão de Veron (1997) o aparecimento das novas tecnologias convertidas em meios, segundo novos e complexos regimes de produção, recepção e

de circulação dinamizaram as práticas sociais. Ainda segundo este autor, a sociedade nunca esteve tão envolta pelos meios de comunicação e as pessoas estão cada vez mais conectadas e ligadas às informações sobre os fatos que acontecem diariamente. Trata-se de novas configurações que denominam a existência e uma nova ordem comunicacional, cujo foco deixa de ser os meios no interior de regimes de mediações (Martinho-Barbero, 1986), mas enquanto um novo bios, na medida em que se define como uma espécie de ‘nova realidade’ (Luhmann, 2005), uma nova ambiência (Gomes, 2016), aquela da midiatização.

No contexto da circulação midiática, pode-se encontrar em programas de Televisão e nas redes sociais (youtube) manifestações de casos de violência ou fatos polêmicos e complexos na sociedade, devido aos atravessamentos, as afetações e apropriações das lógicas e gramáticas discursivas dos meios; das interações dos indivíduos entre si e destes com as diferentes plataformas ofertadas pelos meios midiáticos. Essas manifestações, muitas vezes, são também expressas de forma violenta, gerando agressividade e podendo instigar ódio coletivo como as imagens observadas no shopping em Luanda, demonstrando claramente que seja qual for o tipo de violência (física, cultural, psicológica, verbal, institucional, de delinquência, resistência) sempre estará enraizada nas relações sociais e simbólicas.

Sodré (2002) classifica quatro modalidades de violência: a violência anômica, a violência representada, a violência sociocultural e a violência sociopolítica. A violência anômica, segundo o autor, pode ser facilmente reconhecida na sociedade e se utiliza de crueldade. Ela equivale a de delinquência para Michaud (1986). A violência representada é, para Sodré (2002 apud Casagrande; Peruzzolo, 2012, p. 241), aquela que se vê nos meios de comunicação. Por exemplo, no jornalismo “que tende a visibilizar publicamente a agressão recorrente na vida cotidiana”, ou nos programas de entretenimento, que abordam a temática da violência, com a finalidade de aumentar a audiência. A violência sociocultural se manifesta nas relações interpessoais e pode ser exemplificada pela violência racial ou a homofobia. Já a violência sociopolítica é entendida como a repressão imposta pelo Estado. Para Sodré (2002, apud Casagrande; Peruzzolo, 2012), na violência sociopolítica encontra-se também a violência anômica. Com algumas diferenças na nomenclatura, as classificações de violência feitas por Michaud (1986) e Sodré (2002), em muitos aspectos se assemelham. Essa semelhança pode ser vista também na classificação feita por Maffesoli (1987, p.10) apud Casagrande; Peruzzolo, 2012).

A primeira modulação é “a violência [...] dos poderes instituídos; a violência dos órgãos burocráticos, do Estado, do Serviço Público”. A segunda modulação é a violência anômica (assaltos, agressões, homicídios). Ao passo que a terceira é a violência banal, “que está ativa na paixão social ou naquilo que chamo a resistência da massa” (p. 241).

A partir das perspectivas desses autores e de suas classificações, pode-se perceber que a violência está presente em diversas áreas e situações do cotidiano, podendo ser imperceptível para alguns. Para Sodré (2002), as discussões sobre violência na sociedade se mantêm mais no aspecto anômico (agressões físicas), que são constantemente relacionadas à pobreza; mesmo que pobreza e criminalidade não tenham, necessariamente, uma relação.

Não é de fato a pobreza uma determinante mecânica dos ilegalismos, pois em primeiro plano aparece como grande indutora a violência da própria ordem social, que transparece na militarização tecnologicizada da produção, no superpolicamento das populações pela classe militar, no desequilíbrio estrutural tanto na esfera ético-política como na do consumo, exacerbando no nível dos signos sociais e dos meios de comunicação. Favorece-se, assim, toda uma fantasmática de violência junto a grupos marginalizados ou periféricos, aos quais a ordem tecnoburocrática é decididamente indiferente (Sodré, 2002, p. 102 apud Casagrande; Perussolo, 2012, p. 244).

Para esse autor, “a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. (p.141)

Uma face dessa ação simbólica da televisão, de acordo com Bourdieu (1997), está no fato de esse meio especificamente ter uma espécie de monopólio das informações, criar uma determinada importância para algumas informações em detrimento de outras, e dramatizar alguns acontecimentos, banalizando-os e espetacularizando-os.

6ª. À guisa de conclusão: Portanto, acreditamos que a circulação da agressividade e violência na mídia e suas consequências na socialização das novas gerações seja palco que preocupe tanto estudiosos das várias áreas e campos sociais quanto responsáveis políticos de todos os países. E seja nestas últimas décadas objeto da atenção das grandes organizações internacionais sobretudo quanto ao discurso da sua circulação midiática na Cibercultura devido a adesão dos adolescentes e a apropriação que eles fazem desta cibercultura mundializada, reinterpretada e incorporada a partir das leituras locais. Esta problemática, vem criando um "fosso ético" entre as gerações, que tem a ver com as representações e as identidades que midiática e complexamente se vão constituindo em torno de dois temas essenciais: violência/agressividade e a adolescência. Impossível esgotar, no quadro restrito deste texto, tema

tão complexo e polêmico, em que estão implicados diferentes fatores econômicos, sociais e culturais de difusão e apropriação, e não apenas as características técnicas das mídias que permitem a sua circulação.

Referências Bibliográficas

- Adorno, T. (1987) A indústria cultural. In: Cohn, G. (Org.). Comunicação e Indústria Cultural. 5ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, p.287-295.
- Baudrillard, J. (2008). A sociedade de consumo. Portugal: Edições 70.
- Bauman, Z. (2008) Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. (1997) Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Braga, J.L. (2011). Mídiação como processo interacional de referência. In: Médola, A.S.; Araujo, D. C; Bruno, F. (orgs.), Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática. Porto Alegre, Sulinas, p. 141-167.
- _____. (2012) Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, M.A.; Janotti Junior, J., and Jacks, N., orgs. Mediação & mídiação. Salvador: EDUFBA, pp. 29-52. ISBN 978-85-232-1205-6. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-03.pdf>
- Durkheim, É. (1897) Le suicide. Paris, Félix Alcan, 1930.
- Casagrande, M. C.; Peruzzolo, A. C. (2012) O fenômeno da violência e sua relação com meios de comunicação, comunicação humana e estado. Revista do Laboratório de Estudos da Violência da Unesp, Marília/SP, ed. 10, dez. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/2648/2078#>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- Canclini, N. G. (2001) Consumidores e cidadãos. 4a ed. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Coulon, A. (1995) Etnometodologia e educação. Petrópolis: Vozes.
- Edwards, V. (1997) Os sujeitos no universo da escola. São Paulo: Ática.
- Fausto Neto, A. (2008) Fragmentos de uma «analítica» da mídiação. n. 2. Abril, Revista Matrizes. Porto Alegre.
- _____. (2010b) Epistemologia do zigue-zague. In: Ferreira, J.; Freitas, L. A. S. Pimenta, F. J. P. Estudos de comunicação: transversalidades epistemológicas. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

- Ferreira, J. (2007) Notícias sobre as ONGs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web. In: Ferreira, J; Vizer, E. *Mídia e movimentos sociais. Linguagens e coletivos em ação.* São Paulo, Paulus.
- _____. (2017) aulas expositivas. São Leopoldo, Unisinos, PPGCOM.
- Featherstone, M. (1995) *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.* São Paulo: Studio Nobel.
- Gomes, P. G. (2004) *Tópicos de Teoria da Comunicação.* 2. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p. 114-121.
- Hower, N. (2001) *Relatório sobre Construção da Paz e sociedade civil em Angola: um papel para a comunidade internacional.* Outubro, p. 30.
- Lopes, F. V. (2004) *The challenges of democratization. From military peace to social justice? The Angolan peace process.* Accord, Londres.
- Levinsky, D. L. (1984) *A mídia: interferências no aparelho psíquico.* In: Levinsky, D.L. (Org.). *Adolescência: pelos caminhos da violência – a psicanálise na prática social.* São Paulo: Casa do Psicólogo. p.145-59.
- Luhmann, N. (2005) *A realidade dos meios de comunicação.* São Paulo: Paulus.
- Maffesoli, M. (1987) *Dinâmica da violência.* São Paulo. Revista do Tribunais, Edições Vértice.
- Martín-Barbero, J. (1986) *De la comunicación a la cultura. Perder el objeto para ganar el proceso.* Signo y Pensamiento, n.5, vol.3, ano 3, 1984. Bogotá: Universidad Javeriana.
- Michaud, Y. (1988) *Violence et politique.* Paris: Gallimard.
- Miège, B. (2009) *A sociedade tecida pela comunicação: Técnicas da Informação e da Comunicação entre inovação e enraizamento social.* São Paulo, Paulus.
- Peirce, C. S. (1980) *Peirce, vida e obra,* in: *Os Pensadores,* São Paulo: Ed. Victor Civita/Abril Cultural.
- _____. (1991) *Semiótica.* São Paulo: Editora Perspectiva.
- Shirky, C. (2011) *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.* Rio de Janeiro: Zahar.
- Sodré, M. (2002) *Sociedade, Mídia e Violência.* Porto Alegre. Sulina: Edipucrs.
- Touraine, A. (1970) *A sociedade pós-industrial.* Lisboa, Moraes
- _____. (1994) *A crise da modernidade.* Petrópolis, Vozes.
- Verón, E. (1997) *Esquema para el análisis de la mediatización.* In: *Revista Diálogos de la Comunicación,* n.48, Lima, Felafacs.
- Vygotsky, L. S. (2001) *A construção do pensamento e da linguagem.* São Paulo, Martins Fontes.